

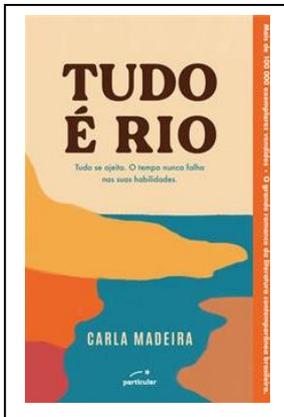
## [Tudo é rio] [Carla Madeira]

### [Carla Madeira] Biografia:



Carla Madeira nasceu em Belo Horizonte, no Brasil, em 1964. Abandonou um curso de Matemática para se formar em Jornalismo e Publicidade. Foi professora de Redação Publicitária na Universidade Federal de Minas Gerais e é sócia e diretora de criação da agência de comunicação Lápiz Raro. Em 2014, lançou o seu primeiro romance, *Tudo é Rio*, um sucesso editorial recebido com entusiasmo pelo público e pela crítica — sete anos depois da primeira edição, é atualmente um dos livros mais lidos no Brasil.

### Sinopse de [Tudo é rio]



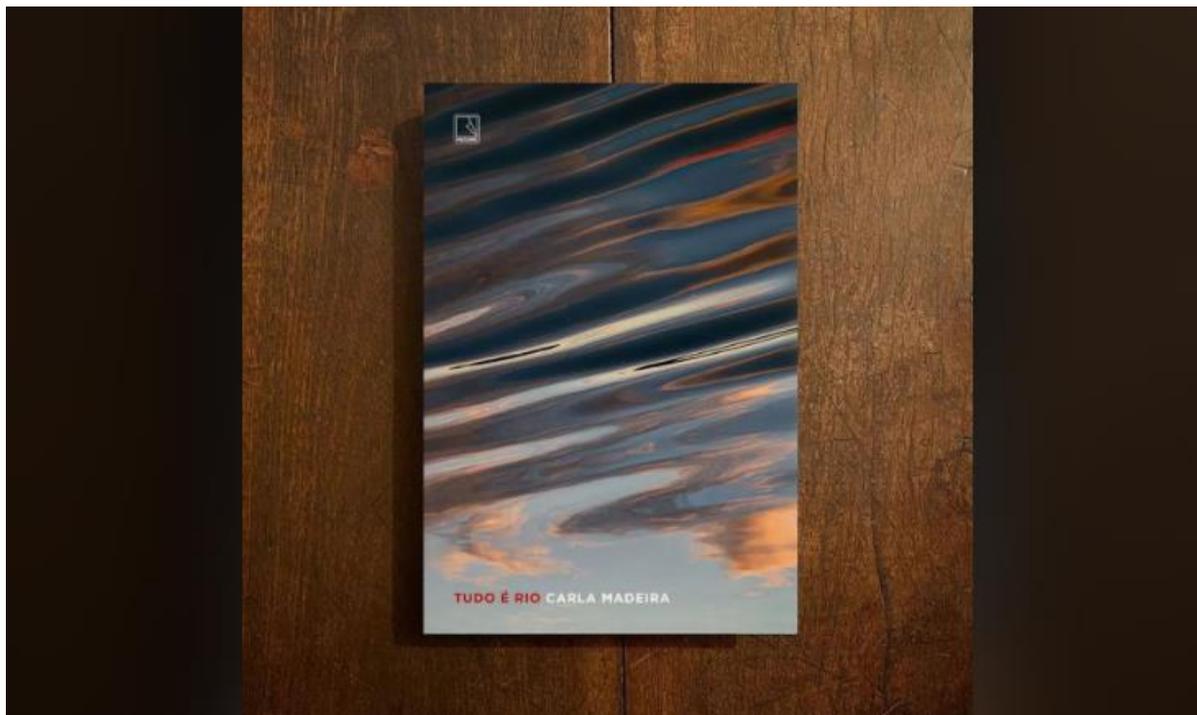
*SUOR, SANGUE, LÁGRIMAS, SALIVA, SÉMEN. TUDO FLUI SEM PARAR. Lucy é a prostituta mais concorrida da cidade. Dalva, por contraste, é de origem familiar e muito tradicional, mulher de Venâncio, senhor de uns ciúmes doentios.*

*Lucy e o casal, Dalva e Venâncio, protagonizam um triângulo amoroso que se afasta dos lugares-comuns dos romances e nos faz questionar, sob formas surpreendentemente originais, quais os verdadeiros limites do perdão, até onde pode ir a intensidade de um amor, de que valores se reveste a importância da família e, acima de qualquer outra coisa nesta história, quão forte ou fraca pode ser a afeição entre mulheres.*

*Neste seu impressionante primeiro livro, a escritora brasileira Carla Madeira socorre-se de uma linguagem sem pudores ou complexos, com uma narrativa madura, mas ao mesmo tempo poética e imagética; e dessa forma incorpora todos os extremos, sem ideias básicas de certo e errado, apresentando-nos o extraordinário mundo de mulheres fortes, fracas, com problemas e soluções, com sentimentos e desejos reais.*

# Tudo é Rio, de Carla Madeira

1.10.2023 Paulo Mendes Pinto, **Revista Visão**

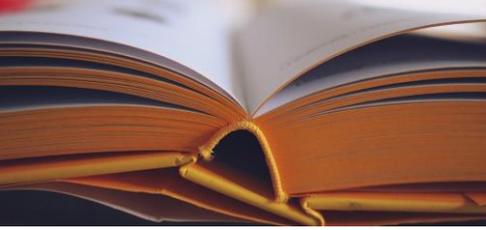


Tudo é Rio, de Carla Madeira, é um caminho que nos leva a lugares nunca antes imaginados onde os mais profundos pensamentos são postos à prova. Não se trata de uma torrente a água deste texto, mas sim de um caudal que nos lava dos preconceitos e nos mostra que a realidade do humano pode ser muito simples na complexidade

Como imagem da leitura, muitas vezes se usa a frase conhecida de Ant3nio Machado. É verdade que, tal como “o caminho faz-se caminhando”, tamb3m a leitura se faz lendo e, quer o andar, quer o livro, s3o formas de caminho que percorremos essencialmente na din3mica de nos deixarmos ir, de nos deixarmos levar para novas experi3ncias e ideias.

Tudo é Rio, de Carla Madeira, é um caminho que nos leva a lugares nunca antes imaginados onde os mais profundos pensamentos s3o postos à prova. Não se trata de uma torrente a água deste texto, mas sim de um caudal que nos lava dos preconceitos e nos mostra que a realidade do humano pode ser muito simples na complexidade.

Este livro poderia ser um triangulo amoroso; mas não o é. Ou podia ser um livro sobre um engano e uma vingança; mas tamb3m não o é. Sendo ao mesmo tempo esses dois lugares-comuns, é muito mais, é o virar ao contr3rio os lugares sociais e culturais das representaç3es. Um homem mata um filho; uma mulher fica eternamente magoada; uma prostituta entra na



narrativa para ocupar um lugar deixado vago. Tudo é Rio é isto tudo, mas não é ao mesmo tempo.

Se há função que a literatura deve ter, ela reside no campo do misto entre o nos deixar estupefactos e, sem perder esse sabor a novidade, nos conduzir para lugares que nos coloquem em causa. Dalva e Venâncio vivem o amor perfeito, em dedicação, carinho e entrega, mas tudo desaparece com um ato louco de ciúme: fruto das suas heranças, do que cada um remoí no seu ser, tem a atitude brutal de matar o filho de ambos.

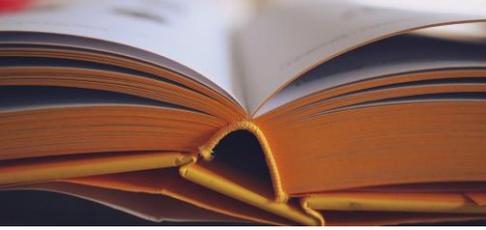
Tudo se desenrola a partir deste ato como que genesíaco de uma nova fase nas suas vidas. Fechada sobre si mesma, a mãe enlutada como que morre para o mundo. Consciente da dor que infringira, o pai-assassino refugia-se numa busca de amor que é a recusa desse mesmo amor.

O triângulo do enredo completa-se com Lucy, a prostituta mais procurada da cidade que, nessa recusa de Venâncio ao amor, é por ele recusada, como que destruindo o mundo da prostituta. Mas a prostituta será muito mais que ela mesma, e é aqui que o livro de Carla Madeira se transforma numa Obra Prima: Lucy vai-se como que se transformar em Dalva, chegando ao limite de dar a Venâncio o filho que ele matara. Ou, noutra leitura, dar novamente a Dalva o filho de Venâncio que ele lhe matara.

Nesta narrativa, perdemos os contornos lineares da ação e das definições das personagens. Afinal, quem é quem e qual a sua função? Dalva humaniza a máquina de sexo que é Lucy, mas é a prostituta que faz reviver o casal ferido de morte. Afinal, quem é quem? Mais uma vez, no limite da interpretação quem é a mãe da nova criança?

O livro conduz-nos para caminhos completamente novos, inesperados e saborosos. Com um quase happy end, em que ao leitor é dada a possibilidade de criar as cenas seguintes, este livro de 2014, de uma das escritoras hoje mais lidas no Brasil, Tudo é Rio é uma experiência que se deve ter.

Numa escrita concisa, direta, sem rodeios, a matéria do humano é-nos colocada de forma bruta no que o estético permite. A cada passo somos levados para uma introspeção que nos confronta com a possibilidade de sermos nós a viver do outro lado, não do espelho, mas da página.



## O CAMINHO DO BEST-SELLER

**Como a publicitária Carla Madeira se tornou uma das escritoras mais lidas do país**

Fabício Marques | Edição 196, Janeiro 2023 **PIAUÍ**

Na noite da última quinta-feira de abril do ano passado, no bairro Santo Antônio, em Belo Horizonte, cinquenta pessoas lotaram o restaurante Cozinha Santo Antônio para participar do Jantar Literário com Carla Madeira. A proposta era intercalar a leitura de referências gastronômicas que aparecem nos três romances da escritora mineira com um menu inspirado nesses trechos. Divulgado em redes sociais, o evento teve os ingressos a 230 reais esgotados em menos de 24 horas.

De vestido longo preto com uma camélia branca de tecido, Carla Madeira leu os trechos enquanto à sua direita a chef Juliana Duarte preparava as iguarias na cozinha aberta. Uma mesa coletiva de madeira de demolição e as paredes intencionalmente descascadas conferiam um aspecto rústico ao restaurante. De início foram servidos, com brinde de champanhe e aperitivos, figos frescos com queijo de cabra e mel silvestre de mexerica, jiló empanado acompanhado de limão-capeta e croquetinhos. Em seguida, chegaram as empadinhas de frango com azeitona, alusão a um quitute preparado em um episódio de *Tudo É Rio*, o primeiro e mais famoso romance de Madeira. O prato principal foi o *coq au vin* – coxa e sobrecoxa de frango cozidas no vinho – que aparece em *Véspera*, livro mais recente da autora. A sobremesa consistiu em um bolo perfumado de laranja, citado em *A Natureza da Mordida*, seu segundo romance.

A chef é amiga de longa data da escritora. As duas trabalharam juntas por dezenove anos na Lápis Raro, a agência publicitária da qual Madeira é sócia e diretora executiva de criação. Foi Duarte que, em 2014, levou Madeira até a livraria Quixote, para que ela mostrasse os originais de *Tudo É Rio* ao casal de proprietários da loja, Alencar Perdigão e Cláudia Masini. Fundada em 2003, a Quixote tinha acabado de se tornar também uma pequena editora.

Alencar conta que na época demorava a ler os originais que lhe enviavam. Mas, no caso de *Tudo É Rio*, foi diferente: o livro o agradou de imediato, e ele leu de uma vez. Um contrato foi logo assinado: a autora assumiria os custos de edição, enquanto a Quixote cuidaria da distribuição – acordo relativamente comum no mercado editorial brasileiro, em se tratando de editoras independentes. A primeira edição saiu em dezembro de 2014, com uma tiragem de setecentos exemplares. Até a noite do jantar na Cozinha Santo Antônio, *Tudo É Rio*, relançado pela editora

Record em 2021, já ultrapassava a marca de 75 mil cópias vendidas. Em outubro, seis meses depois, o número quase dobrou, totalizando cerca de 145 mil exemplares.

Carla Madeira Carneiro nasceu em 18 de outubro de 1964, em Belo Horizonte, a quinta de seis filhos. Para assinar os livros, preferiu o sobrenome materno ao paterno. Ulisses, seu pai, foi religioso da ordem marista na juventude, estudou na Sorbonne, em Paris, era poliglota e tinha amplo domínio de várias disciplinas, em particular a matemática, que ensinou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em faculdades particulares. Aos 38 anos, largou a vida religiosa. Pouco depois, casou-se com Irlanda Madeira, 22 anos mais nova. Morreu em 2010, uma semana antes de completar 91 anos, sem conhecer a veia literária da filha. Numa coincidência infeliz, o primeiro encontro da piauí com Carla Madeira ocorreu um dia após a morte de sua mãe, no início de abril, aos 81 anos. Irlanda foi a primeira a ler o original de *Tudo É Rio*, tanto mais que a personagem Aurora, mãe da protagonista Dalva, tem muitas de suas características.

*Tudo É Rio* se passa em uma época pré-internet, indefinida. Dalva é uma mulher virtuosa, apaixonada por seu marido, Venâncio, um homem definido como tendo “olhos profundos de abismos por dentro”. Ele se envolve com Lucy, uma prostituta conhecida na cidade (não nomeada no livro), estrela do prostíbulo Casa da Manu. Recuos no tempo refazem a trajetória de Lucy até se tornar prostituta e mostram como Dalva e Venâncio se conheceram. O idílio matrimonial de anos é interrompido quando Venâncio tem uma crise de ciúme ao ver Dalva amamentar o filho recém-nascido, espanca a mulher, arranca o bebê dos braços da mãe e o atira longe. Com isso, de uma só vez Dalva perde “a fé, o filho e o marido”. A narrativa se desenvolve a partir das consequências desse ato violento. De início imune às investidas de Venâncio, a prostituta Lucy acaba se apaixonando por ele. Dalva, por sua vez, embora continue vivendo com o marido, fica quase sete anos sem falar ou olhar para Venâncio. Também esconde dele uma informação crucial. “Nunca dizia nada, essa era a pena perpétua que Venâncio pagaria”, escreve a autora.

Quando começou a escrever *Tudo É Rio*, Madeira não sabia se seria um romance ou um conto – ou uma história que abandonaria no meio. Era o ano 2000, e ela estava querendo engravidar. Ao escrever a cena de Venâncio com o filho, logo nas primeiras páginas, interrompeu a narrativa. “A violência contra uma mulher e seu bebê foi intransponível para mim naquele momento”, conta. “Senti repulsa e, ao mesmo tempo, vi a necessidade de investigar aquilo que ia se avolumando dentro de mim.” A investigação continuou, mas só em 2014 ela retomou a escrita do livro. “Os quatorze anos que fiquei paralisada jorraram. Tudo foi escrito durante oito meses alucinados, na ordem que o leitor lê. A história foi sendo feita enquanto eu escrevia.”

Madeira afirma ter usado alguns elementos autobiográficos na trama de *Tudo É Rio*. Em particular a história de um de seus tios, que batia na mulher. Certa vez, a escritora presenciou o início de uma briga do casal e viu o desespero da tia, que, porém, não conseguia se separar do marido. “Quando comecei a escrever, *Tudo É Rio* não era sobre isso, mas à medida que avançava a narrativa vi o quanto esse caso familiar me atravessou. Eu me lembrava das pessoas que diziam que minha tia gostava de apanhar, testemunhei isso, a dor dela, e ao mesmo tempo o que acontecia para que ela não abandonasse o marido.” O episódio chegou a inspirar até mesmo um poema que ela escreveu anos atrás: *Depois de apanhar/minha tia jurava nunca mais voltar/E voltava/antes mesmo da pele rosa/perder o tom lilás.*

Todos os livros de Madeira possuem eventos traumáticos como o do início de *Tudo É Rio*. Em *A Natureza da Mordida*, um possível incesto afeta de maneira determinante a vida de alguns personagens; em *Véspera*, uma criança é abandonada pela mãe. O núcleo familiar aparece frequentemente como matriz de desajustes e comportamentos violentos, com seu misto de casamentos tóxicos, rejeição, abandono, vingança e culpa. A pergunta que abre este último romance pode ser aplicada, de certa forma, a todos os seus outros livros: “Como se chega ao extremo?”

Na noite do jantar literário na Cozinha Santo Antônio, o microfone foi franqueado ao público para perguntas ou leituras de trechos das obras. Um dos raros homens no recinto era Alisson Bretas, de 49 anos, executivo de uma empresa de aviação que antecipara seu retorno de Brasília para Belo Horizonte apenas para participar do evento. Ele leu um fragmento de *Tudo É Rio* muito popular entre fãs do livro, o primeiro parágrafo do capítulo 21, que começa assim: “O que mais existe no mundo são pessoas que nunca vão se conhecer. Nasceram em um lugar distante, e o acaso não fará com que se cruzem. Um desperdício.” Bretas tomou conhecimento da obra de Madeira numa viagem de férias, quando a sua mulher – a titular de cartório Cláudia Amaral, também presente no jantar – adormeceu no voo, deixando seu exemplar de *Tudo É Rio* à vista do marido. Ele apanhou o livro e leu numa sentada.

Quem também pediu a palavra foi a jornalista Juliana Machado, de 42 anos. Estava acompanhada de participantes do Nosso Clube, fundado no início deste ano. Ela contou que a ideia de criar o clube de leitura, formado só por mulheres, surgiu durante uma festa de aniversário de criança. “Eu tinha acabado de ler *A Natureza da Mordida*. Outra mulher falou de *Véspera*. A maioria já tinha lido *Tudo É Rio*. O nome ‘Carla’ mobilizou praticamente todas que estavam lá, que já tinham lido ou ouvido falar sobre ela. E, por causa daquela energia literária, sugeri criarmos um clube do livro.”

O boca a boca parece ter tido papel fundamental para fazer de *Tudo É Rio* um sucesso comercial. A primeira edição, de dezembro de 2014, foi vendida apenas na Quixote, num ritmo constante, porém lento. Os setecentos exemplares levaram dois anos para se esgotar, uma quantidade desprezível para grandes editoras, mas considerável para as pequenas. Em 2017, a Quixote uniu-se à Do, editora da jornalista Luciana Tanure, e passou a se chamar Quixote + Do Editoras Associadas. Naquele ano, estimulada pelas vendas de *Tudo É Rio*, a nova casa editorial decidiu fazer uma segunda impressão, agora assumindo todos os custos de produção e distribuição.

As indicações de leitores entusiastas ganharam fôlego. Uma das histórias curiosas dos leitores de primeira hora é a do médico José Salvador Silva, de 91 anos, fundador do Hospital Mater Dei (hoje parte da Rede Mater Dei de Saúde), um dos mais tradicionais da capital mineira. Ele ganhou o livro de presente de uma amiga em 2015. Filho de fazendeiro e leitor obstinado, tem o costume de presentear, todo ano, os membros de sua família com exemplares de um mesmo livro e, no dia de seu aniversário, sortear um dos parentes para comentar a obra. Salvador empolgou-se tanto com *Tudo É Rio* que, além de presentear os familiares, deu o livro para mais de cem amigos.

Em 2018, ocorreu o que Madeira define como um dos “momentos mais emocionantes” de sua trajetória literária. *Tudo É Rio* foi selecionado, junto com obras do poeta mineiro Ricardo Aleixo e de outros escritores, para um programa carcerário de estímulo à leitura – uma resolução da

Secretaria de Estado de Defesa Social e do Tribunal de Justiça permite que os detentos do sistema penitenciário troquem a leitura mensal de um livro pela remição de quatro dias da pena.

Acompanhada do marido, o jornalista José Amaro Guimarães de Siqueira, a escritora esteve no Presídio de Caeté. Numa tarde de 19 de junho, conversou com sete presidiários, que chegaram em fila, de uniforme vermelho e sem algemas, todos com o exemplar do romance em mãos. O presídio projetado para 45 detentos abrigava, naquela ocasião, quase cem pessoas. Como não havia um lugar adequado, o encontro com Madeira aconteceu no espaço de banho de Sol, ao lado das celas, observado por um guarda numa torre de vigilância. Ela estava um pouco receosa em relação ao encontro, mas ouviu palavras que a comoveram. Um dos detentos disse que o romance acabara com seu rancor e o ajudara a perdoar a mãe de seus filhos. Outro foi mais longe: afirmou que o livro lhe dava a esperança de que o momento que estava vivendo ia passar.

Dois meses depois, em 5 de agosto de 2018, a escritora gaúcha Martha Medeiros dedicou sua coluna dominical de *O Globo* a *Tudo É Rio*, classificando o livro como uma “obra-prima” e Carla Madeira como “a revelação literária do ano”. Medeiros havia recebido o livro da escritora e jornalista mineira Leila Ferreira, que, por sua vez, ficara sabendo da obra por intermédio de seu psicanalista e de sua cabeleireira. No dia seguinte à publicação da coluna, a Quixote + Do passou a receber pedidos das demais livrarias de Belo Horizonte e de outras cidades. Perdigão, o sócio da editora, diz que, em mais de duas décadas atuando no ramo de livrarias, nunca tinha visto uma demanda tão contínua como a que se seguiu. Quem também teve a impressão de estar diante de um novo fenômeno foi a livreira Simone Pessoa, referência no circuito literário da cidade, atualmente trabalhando na Livraria da Rua. “As pessoas liam numa tarde e voltavam para agradecer a indicação e comprar o livro para presentear”, ela conta, descrevendo a velocidade do boca a boca na difusão de *Tudo É Rio*.

A movimentação em torno do livro chamou a atenção das grandes editoras do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas Madeira preferiu manter seu livro na Quixote + Do. Foi com essa mesma editora que lançou em 2019 seu segundo romance, *A Natureza da Mordida*, com uma tiragem de 3,6 mil exemplares, atualmente esgotada.

Em novembro de 2020, Madeira resolveu aceitar a proposta de Roberta Machado, diretora da Record e entusiasta do livro – e trocou de editora. “O problema era que, por ser uma editora pequena, eles conseguiam produzir e distribuir de uma maneira bem limitada, não atendendo à demanda”, diz a escritora, referindo-se à Quixote + Do. O fim do contrato deu-se de forma amigável, e exemplares de *Tudo É Rio* sob o selo da editora Record estão sempre à mostra na Quixote Livraria e Café. Até que o contrato acabasse, a pequena editora fez cinco reimpressões de *Tudo É Rio* e vendeu no total cerca de 8,7 mil cópias.

A Record relançou *Tudo É Rio* em fevereiro de 2021. Iniciou-se então uma nova trajetória para o livro, em que tiveram papel importante na difusão alguns canais de influenciadoras nas redes sociais, como o de Tatiany Leite – *Vá Ler um Livro* –, com 200 mil inscritos, e o de Pam Gonçalves, com 340 mil inscritos, ambos no YouTube. Em um vídeo, Gonçalves chamou Madeira de sua “nova autora brasileira favorita” e comentou: “É um livro polêmico, recebi comentários conflituosos e até algumas críticas por ter gostado, mas tenho meus motivos pra ter ficado tão empolgada.” No contexto do confinamento da pandemia, também houve uma explosão de indicações do romance em clubes de leitura. Madeira conta que passou a participar de um encontro por semana nesses clubes.

Carla Madeira mora há mais de duas décadas em uma casa de três andares, quatro quartos e cerca de 300 m<sup>2</sup> no Mangabeiras, bairro de classe alta de Belo Horizonte. Tão logo se abre o portão da casa, vê-se um jardim com flores e hortaliças plantadas por sua mãe: hibisco, espada-de-são-jorge, lírio, amoreira, alecrim, manjeriço, tomilho e pimenta dedo-de-moça.

Ela vive na casa com Guimarães de Siqueira, seu terceiro marido, um homem de cabelos grisalhos e expressão afável. Ex-gerente de comunicação da Globo Minas, Siqueira conheceu a escritora no meio publicitário e hoje a acompanha em todos os eventos literários. Ali também moram Ana, de 22 anos, e João, de 20 anos, os filhos de Madeira com o produtor de vídeo e cinema Marcelo Braga de Freitas, seu segundo marido. O primeiro casamento foi com um piloto de *motocross*, Renato Araújo Ferreira, o único com quem ela oficializou a relação.

Em uma das salas do primeiro andar, há 43 quadros com o tema de flores e plantas, pintados em cores em tom pastel e estilo impressionista por Madeira, a maior parte enquanto ela escrevia *A Natureza da Mordida*. Em outra sala, no segundo andar, também com vários quadros nas paredes e espalhados pelo chão, estava seu violão. A música e a pintura precederam a literatura no gosto de Madeira. Ela conta que até os 25 anos dedicou mais tempo à música – ouvindo e tocando, sobretudo MPB – do que à leitura.

A escritora tem uma fala assertiva, pontuada pela gesticulação teatral. Nas conversas, contrapõe um excesso de concentração naquilo que a interessa a uma inabalável indiferença, ignorando tudo o mais em volta. Amigos colecionam histórias que ilustram essa mescla de hiperfoco e distração, como quando ela foi visitar a mãe e estranhou as pessoas presentes no apartamento. Demorou um tempo até ela entender que tinha errado de andar e de casa.

Madeira diz que escreve seus livros em um laptop, trabalhando ora no escritório da casa, ora em uma mesa no quintal. *Tudo É Rio*, porém, foi feito em grande parte em sua cama, com um travesseiro servindo de apoio ao computador. Ela se dedicava ao romance principalmente à noite, depois que chegava do trabalho e colocava os filhos para dormir. “Nos fins de semana, eu escrevia muito. Às vezes, cinco horas seguidas. Não podia ficar um dia sem escrever porque perdia o sotaque, a voz e o ritmo do narrador”, contou durante uma conversa sobre sua produção literária com 25 funcionários da Lápis Raro, sua agência de publicidade.

A conversa, feita a pedido da própria equipe, aconteceu na véspera do jantar literário e foi conduzida pela diretora de criação da agência, Cristina Cortez, e pela gestora de estratégia, Juliana Sampaio, duas ex-alunas de Madeira, da época em que ela deu aulas de redação publicitária no curso de publicidade e propaganda na UFMG, de 1991 a 1992. Para explicar aos funcionários da Lápis Raro como surgiam suas histórias, a escritora se valeu de uma metáfora: disse que enxergava pontinhos de luz espalhados por um terreno montanhoso, cada um “como uma tocha”. Chegando a um ponto, via outro na distância, e seguia caminho, e assim por diante. “Mas só enxergo a história toda, só vejo todas as tochas, na hora que chego ao final da história mesmo.”

A Lápis Raro começou em 1987, no quarto de Madeira, quando ela ainda morava na casa dos pais, no bairro Floresta, e cursava as faculdades que lhe renderiam tripla formação na UFMG – formou-se em relações públicas naquele ano e em jornalismo e em publicidade e propaganda em 1988. Sua única experiência profissional até então havia sido como professora de uma escola maternal. O primeiro cliente dela e suas sócias, Letícia da Veiga Ladeira e Eurídice Fraga (que já

saíram da agência), foi um professor particular de matemática. “Fizemos um folheto com um desenho de uma pulguinha simpática e um bicho de sete cabeças ao lado dela. O título era: ‘O bicho de sete cabeças não é tão grande assim.’”

De acordo com números da própria agência, a Lápis Raro faturou cerca de 19 milhões de reais no ano passado. Como sócia e diretora, Madeira cuida tanto do planejamento quanto da criação. Embora não dispense alguns clientes do setor público, seu foco principal é a iniciativa privada: atende a marcas fortes do mercado mineiro, como a Drogaria Araújo, a Unimed-BH e a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração.<sup>[1]</sup>

Há 28 anos, a principal sócia de Madeira é Simone Moreira, que entrou na Lápis Raro como estagiária e passou por diversas áreas na empresa. Além da sociedade, algo mais une as duas mulheres. A filha de Moreira, Luisa, e a de Madeira, Ana, nasceram no mesmo dia, 21 de janeiro de 2000. As amigas entraram em trabalho de parto na mesma hora, em hospitais diferentes, mas foram atendidas pelo mesmo médico, que primeiro acompanhou o parto de Moreira e depois o de Madeira. Vinte dias depois, Moreira precisou viajar a trabalho e a escritora amamentou as duas recém-nascidas.

A sororidade evocada pela anedota se reflete na composição geral da agência: a empresa tem todos os cargos de chefia ocupados por mulheres, e mais de 60% da equipe é feminina. Madeira tampouco é a única escritora a ter passado pela empresa. A gestora de estratégia da agência, Juliana Sampaio – coautora de *Mothers: Manual da Mãe Moderna*, blog que virou livro, coluna de revista e minissérie de tevê – se lembra de algumas escritoras e poetisas que trabalharam na agência, como Marcela Dantés, autora do romance *Nem Sinal de Asas*, finalista dos prêmios Jabuti e São Paulo de Literatura, e Cris Guerra, autora do livro de não ficção *Moda Intuitiva*. Em 2007, Guerra teve um filho, mas com apenas 45 dias de licença-maternidade o seu chefe ordenou que voltasse ao trabalho na agência em que atuava. Ela retomou as atividades, mas decidiu procurar a Lápis Raro. Madeira a contratou, bancando todo o restante do período de licença-maternidade. “Nunca vou me esquecer disso”, diz Guerra.

Em *Tudo é Rio*, Madeira imprime um ritmo ágil à história e usa muitas frases concisas e diretas, um estilo que parece aludir à sua experiência com jingles, anúncios e filmes publicitários. “Algumas vezes as mudanças acontecem na marra”, diz a narradora do romance a certa altura. “Uma guilhotina afiada corta as nossas mãos, e todas as rédeas escapam. É o que pensamos ter acontecido, até que a gente se dá conta de que nunca houve rédeas. Ninguém monta na vida.” A passagem alude ao jogo entre acaso e destino na vida dos protagonistas, concedendo às situações vivenciadas por eles um ar de episódios quase inevitáveis (algo que de certa forma contradiz a primeira impressão sugerida pelo título do livro). Além do estilo em si, a verve publicitária da autora se mostra também em seu envolvimento “na etapa de concepção do livro em termos de projeto gráfico, capa e sinopse”.

Quando *Tudo é Rio* foi lançado pela primeira vez, a Quixote não tinha uma área de marketing e comunicação estruturada. “Por ter uma agência, assumi o projeto gráfico, editoração do livro, assim como os custos da primeira impressão”, conta Madeira. No caso da Record, porém, ela se envolveu menos, já que a editora carioca tem canais de divulgação e distribuição mais robustos. Mas a escritora rejeita a ideia de que a estratégia de divulgação é o principal fator por trás do sucesso de *Tudo é Rio*. “É a ressonância no leitor que faz o livro acontecer. Ou seja, não ter um

bom trabalho de comunicação e marketing pode retardar ou impedir que um livro aconteça, mas ter não é garantia suficiente para fazer um livro acontecer. Ele precisa impactar o leitor.”

Os fãs mais ardorosos do livro enfatizam o caráter “viciante” de *Tudo É Rio*, o que também está no cerne de algumas das críticas mais duras que o livro recebeu. Para os leitores menos persuadidos, a habilidade narrativa realçada por admiradores não é sinônimo de força literária. Numa resenha do livro publicada na *Folha de S.Paulo*, em junho de 2021, o crítico literário Luís Augusto Fischer, professor de literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), definiu *Tudo É Rio* como um romance “trivial” e os personagens de Madeira como “tipos”, dotados de “pouca densidade psicológica”. Fischer argumenta que a trama do romance depende excessivamente “de muitos clichês do gênero das telenovelas – recados que chegam abruptamente, filiações obscuras, maldições inescapáveis, determinismos familiares”.

Por telefone, de Porto Alegre, Fischer disse à piauí que *Tudo É Rio* parece se inscrever numa tendência da literatura que é marcada pela combinação de um enredo de reivindicação feminina com uma trama em que “forças telúricas atuam sobre os personagens”. Além de Isabel Allende, citada em sua resenha da *Folha de S.Paulo*, o crítico inscreveu o romance *Dois Rios*, de Tatiana Salem Levy, na mesma tendência (Fischer também vê Martha Medeiros como uma influência clara na escrita de Madeira). Em sua resenha, ele criticou a resolução da trama de *Tudo É Rio*, dizendo que o romance cai numa espécie de redenção final reducionista, em que “o bem vence o mal”.

Formada em estudos literários na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestranda na Universidade Federal Fluminense (UFF), Mell Ferraz comanda desde 2010 o *Literature-se*, um canal de resenhas literárias no YouTube com mais de 170 mil inscritos. Em um vídeo publicado em 6 de março do ano passado, ela teceu opinião parecida com a de Fischer: “A escrita não funcionou quando tentou criar um arco de redenção”, diz Ferraz, que também achou a narrativa “condescendente com os crimes”, num ambiente “de violência doméstica e patriarcal”. Luciana Gerbovic, uma das diretoras da Escrevedeira, que promove oficinas de escrita em São Paulo, gosta de *Tudo É Rio*, mas não deixou de notar certa resistência ao romance quando ele foi discutido num clube de leitura que organizou. Alguns alunos fizeram críticas pontuais, dizendo que “não gostaram de alguns clichês”, segundo ela. “Essas críticas mais à questão formal se devem ao fato de que nossos cursos são voltados à formação de escritores. Pessoalmente, acho um bom livro para participar de clubes de leitura, pois é de fácil leitura e traz questões importantes para debater”, diz.

“E eu que passei a vida inteira pensando que ser fabulosa era uma coisa boa!”, diz Madeira, ao ser indagada sobre o que achou da crítica de Fischer. “A coisa mais elegante que consigo dizer é: doeu, mas sem unanimidade tudo fica mais inteligente.” O impacto, porém, não foi tão fácil de absorver. “O maior incômodo teve a ver com tomar consciência de um tipo de exposição que eu ainda não tinha me dado conta que estaria sujeita, quase como uma invasão de um território sagrado: o de criar, sem ser submetida à aprovação, classificação ou carimbos”, ela explica. “Eu imaginei que na literatura, ao contrário da publicidade, a opinião do outro não me afetaria, e que ter adesão com o que escrevi me protegeria emocionalmente. Mas, quando esse outro é um crítico, que supostamente fala de um lugar de especialista, em um grande jornal, o que ele diz ressoa como uma verdade. E isso me deixou arrasada.”

A experiência fez com que ela tentasse blindar mais a sua escrita de opiniões alheias, positivas ou negativas. Madeira também viu no texto de Fischer “um punhado de preconceitos”: “contra folhetins, fábulas, Isabel Allende e ‘certo tipo’ de leitores”. E acrescenta: “Mas isso diz mais do crítico do que de mim. As argumentações do Fischer não conversam com o que tenho tido de ressonância dos meus leitores, muitos deles bastante exigentes. Estou bem resolvida quanto a isso.”

Quando impelida a comentar as razões do sucesso do próprio romance, Madeira cita o foco em diferenças de gênero e na violência contra a mulher. “Estive também em um presídio feminino para falar do livro. E é interessante que, lá, a protagonista Lucy foi mais festejada, mais falada do que no presídio masculino. Senti o quanto uma mulher exercer sua sexualidade com gozo liberta a coragem de falar da própria sexualidade, sem o peso do controle social”, comenta. Editor executivo da Record, Rodrigo Lacerda, não tinha ainda assumido seu posto quando Madeira foi contratada, mas diz que a escritora “se insere no perfil literário que a editora está em busca e que coloca a questão feminina em evidência de forma muito sensível e forte”.

Criadoras de um grupo de psicanálise e literatura do qual Madeira participa, Mônica Godoy e Paula Vaz dizem que os livros da autora mineira atraem o feminino nos leitores, no sentido mais amplo do termo, do “feminino na estrutura de cada um de nós, homens e mulheres”. E o mesmo Fischer reconhece na narrativa a conquista de uma dicção feminina, para além de abordar um tema ligado às mulheres. “Como dizia o escritor Moacyr Scliar, o leitor brasileiro é mulher”, afirma o crítico, em referência à dominância de leitoras femininas no país. “A crítica que faço ao livro não tem a ver com esse vetor feminista, mas sim com ele operar na faixa de clichês, tanto em linguagem quanto em estratégias narrativas folhetinescas, fatores que em boa medida explicam seu sucesso”, completa Fischer. Para algumas leitoras, porém, o feminismo encampado por *Tudo É Rio* tem certos limites. Valeria Rosito, professora de literatura e cultura brasileiras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), autora de *Produções Feministas no Brasil: Da Modernidade à Pós*, avalia que as personagens Dalva (a esposa) e Lucy (a prostituta) são dois tipos unidimensionais, sendo uma o inverso da outra. “Elas são muito parecidas porque são inversas. Quero dizer que se refletem, são complementares, são ambas figuras muito caras ao patriarcalismo. Essa questão está bastante explícita nos papéis que ocupam: puta e santa.” Rosito diz ainda que “falta aos personagens multifacetação, o que daria a elas mais cor, mais vida, mais verossimilhança”. Ela compara *Tudo É Rio* com o conto *Aramides Florença*, de Conceição Evaristo, em que a protagonista homônima vive feliz com o marido até ele arrancar a criança da mão dela e jogá-la no berço. “Uma história brutal, mas bastante comum, que está na pauta das duas escritoras.”

Maria do Rosário Pereira, professora de literatura brasileira no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG) e integrante do grupo de pesquisa “Escritas de autoria feminina”, da UFF, vê certa força em Lucy, sobretudo na ênfase que Madeira dá às manifestações de libido da personagem. Pereira acha que isso foi uma decisão consciente da autora com o objetivo de evitar que o leitor sinta pena da personagem. Ela compara essa estratégia ao que fez a escritora francesa Virginie Despentes, autora de *Teoria King Kong*, que foi elogiada pela crítica por fazer um retrato original da prostituição. Segundo Rosário Pereira, Despentes, que já trabalhou como prostituta, “pontua que o discurso de vitimização em torno da prostituição é uma construção política que visa à manutenção do *status quo*, isto é, o lugar à margem no qual as prostitutas permanecem”.

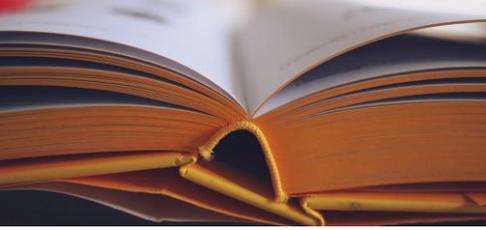
A redenção final em *Tudo É Rio* a qual se refere Fischer está relacionada ao perdão que Dalva concede a Venâncio, após os atos criminosos do marido. Esse é outro ponto polêmico do livro. Mell Ferraz, do canal Literature-se, diz que o problema não é a redenção em si, que ocorre em outros importantes livros de literatura, mas o fato de que, em *Tudo É Rio*, isso “não atinge a crítica social tão defendida por muitos fãs da obra”. Ela ressalta que os temas que o livro traz para debate – machismo e violência patriarcal – são importantes e necessários, mas em sua visão a narração onisciente por vezes ameniza os crimes do agressor. Ela dá um exemplo do início do livro. Quando Venâncio atira o recém-nascido para longe de Dalva, a narradora diz: “O outro morreu sem ter um nome; ia se chamar Vicente, mas não foi registrado e nem batizado.” Para Ferraz, ao dizer que o bebê morreu, e não que foi assassinado, a narrativa se mostra condescendente, construindo um arco de redenção problemático.

Rosário Pereira não acha que o silêncio de Dalva em *Tudo É Rio* seja inverossímil ou sinal de submissão. Para ela, é um retrato da “vergonha” que vítimas de violência e abusos têm de denunciar e contar o que passaram, inclusive para pessoas próximas. “A vítima se vê emocionalmente frágil”, diz. A professora avalia que Dalva, à sua maneira, pune o marido. Ele sofre durante anos com a indiferença e o silêncio da mulher.

Dois dias após o jantar na Cozinha Santo Antônio, Carla Madeira estava feliz com a notícia de que era uma das indicadas na 19ª edição do Prêmio Faz Diferença, do jornal *O Globo*, na categoria Livros, ao lado do escritor Jeferson Tenório, vencedor do Prêmio Jabuti 2021 com o livro *O Avesso da Pele*, e do jornalista Zuenir Ventura – que acabou ficando com a distinção.

O sucesso de *Tudo É Rio* não arrefeceu. Apenas nos dois primeiros meses de 2022, o livro vendeu mais da metade do que no ano passado inteiro. Embalada pelos resultados, a Record lançou em novembro de 2021 o terceiro romance de Madeira, *Véspera*. Em novembro passado relançou o seu segundo romance, *A Natureza da Mordida*, em versão revista pela autora, com mudanças pontuais nos primeiros capítulos. Uma eventual pressão em replicar o êxito de *Tudo É Rio* não preocupa a escritora. “Quero experimentar, investigar. Tenho curiosidade, o resto é lucro”, ela diz.

Outro motivo de alegria para Madeira foi o anúncio de que *Tudo É Rio* vai ser adaptado para o cinema. A pessoa que irá dirigir o filme ainda não foi escolhida, mas será uma mulher. Já estão se desenrolando conversas sobre elenco e equipe de produção, a cargo da Boutique Filmes, que também adaptará *Véspera* para uma série de tevê. Além disso, com a retomada dos eventos presenciais pós-pandemia, a agenda de Carla Madeira tem se intensificado. Desde maio de 2022, ela participou de encontros literários no Instituto Inhotim, em Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre – em alguns desses lugares, mais de uma vez. Madeira diz que está vivendo agora o momento em que um novo livro está vindo à tona. “Já tenho muitas anotações, caóticas. Um menino de 10 ou 12 anos falando, a ingenuidade da idade lidando com questões complexas. A voz vai ficando insistente, alguns nomes próprios vão surgindo, e alguns acontecimentos vão se impondo.” Ela conta que já escreveu dois capítulos, mas teve que interromper o processo. “Não está sendo um ano fácil para mim, tive muitas perdas, e não estou ainda me sentindo pronta para mergulhar em outra história. Mas vai acontecer, porque já não consigo silenciar as vozes e algumas situações que vislumbrei. Estou em um lugar sem volta, mas também sem pressa.”



## Enquanto vive o luto e a sucessão na agência, Carla Madeira escreve livro

*'Estou começando a embalar no quarto livro. Já abri o arquivo, vou relendo, trocando uma palavra, garimpando ideias', conta a escritora e publicitária*

[Celina Aquino](#) 28/05/2023

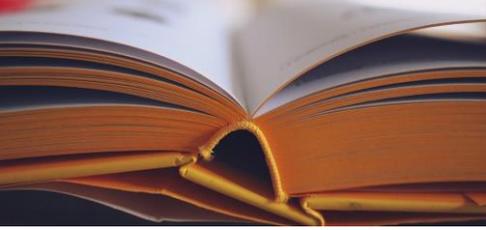


*O desejo de Carla Madeira é se dedicar inteiramente à arte(foto: Marcia Charnizon/Divulgação)*

“Estou vivendo uma montanha-russa.” Carla Madeira, de 58 anos, faz uma comparação com os altos e baixos da grande atração dos parques de diversão para descrever sua vida neste momento. Ao mesmo tempo em que vive o luto pela perda da mãe e de Simone Moreira, sua sócia na agência Lápiz Raro, ela se entrega aos prazeres de escrever e ser uma escritora.

Nessa busca por equilibrar sentimentos e demandas, a publicitária sentiu a necessidade de começar o seu quarto livro, que, sem pressa, vai ganhando forma. Carla foi a autora mais lida do Brasil nos últimos dois anos, com “Tudo é rio”, “A Natureza da Mordida” e “Véspera”, mas não se deixa influenciar por toda a expectativa em torno do seu trabalho.

Não importa se a próxima história vai fazer sucesso. Para ela, o mais importante é se dedicar, com toda a intensidade, à literatura. Carla não consegue viver sem arte e vem se preparando para viver de arte.

**Como anda a sua vida?**

Está super intensa. No carnaval, perdi a minha sócia, a Simone, que estava comigo há muitos anos. A gente era muito amiga. Venho de um ano de luto, não só da Simone, mas da minha mãe e do meu psicanalista. Estou vivendo um momento de equilibrar as perdas, o trabalho e o meu desejo de viver a literatura. Há dois, três anos, estamos construindo o fortalecimento das lideranças na agência, dando autonomia para as equipes, mas, ainda assim, tenho uma presença e agora estou fazendo isso sem a Simone. Ao mesmo tempo, a literatura está me demandando muito. Então, esse é um momento muito intenso, tanto por causa das perdas quanto dessa coisa maravilhosa que é a literatura. Estou vivendo uma montanha-russa, de viver o luto, de respeitar essa dor, de ter momentos em que posso acolher isso, ao mesmo tempo lidar com muitas alegrias, muito afeto, encontros extremamente ricos, trocas intensas. Então, brinco que esse é o momento mais esquizofrênico da minha vida.

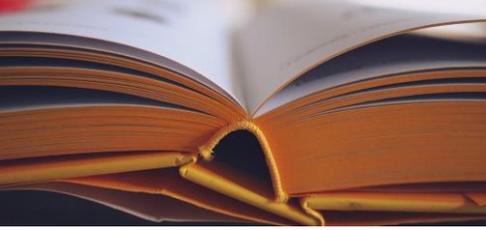
**Isso acaba sendo combustível para a sua escrita?**

Acredito que sim. Nesse processo de adoecimento da Simone (ela teve um diagnóstico de câncer de pâncreas no ano passado), ainda não estava escrevendo o quarto livro e estava decidida a não começá-lo. Não tinha aberto formalmente o arquivo, só estava anotando algumas ideias. Mas, durante esse processo, não dei conta: abri o arquivo e comecei a escrever. Ficou claro pra mim um certo desejo de me envolver com um projeto para dar conta do real. De buscar na linguagem artística alguma possibilidade de elaborar o que estava sentindo. Comecei a escrever o livro antes da hora, mas senti uma necessidade enorme de estar no nível de envolvimento em que a escrita me coloca.

**Você se arriscaria a dizer que virar escritora foi a melhor coisa que aconteceu na sua vida?**

Já tive experiência com música, de cantar e compor, que me levava para lugares de intensidade. Gosto de pintar também, tenho momentos incríveis pintando, é muito bom. Agora, escrever romance talvez seja uma das experiências mais intensas artisticamente. Vivo uma intensidade nos processos, nas consequências, no fato de os livros terem acontecido e serem reconhecidos. Como autora, é maravilhoso. Todo autor quer que isso aconteça, mas aí entro em outro território, que é um pouco diferente da criação artística propriamente dita. Acho que essa parte do sucesso e do reconhecimento estão em outro lugar, que é maravilhoso também. Tem a ver com você sentir que aquilo ali afetou muito as pessoas, que não ficou só restrito ao espaço de um grande gozo criativo. Juntando tudo isso, talvez tenha sido a experiência artística mais completa. Não tinha nenhuma pretensão com os livros. Foi muito mais um exercício de linguagem. Fiquei ali imersa e comecei a gostar de fazer aquilo. Fui experimentando, muito nesse lugar do compor, do pintar, muito despreziosamente. Com o primeiro livro, “Tudo é rio”, foram oito meses de uma intensidade que vivi poucas vezes na vida, de dedicação, de ficar tomada, completamente imersa naquilo, de muita entrega, algo muito visceral. Tinha momentos assim com a música, mas não eram oito meses. Quando o “Tudo é Rio” ficou pronto, não sabia o que queria fazer com ele. Fiquei pensando: “acho que tenho um livro, será que é o caso de publicar?” Para você ter uma ideia, não tive coragem de imprimir nem mil exemplares, imprimi 700. Fiquei muito sem saber, querendo ver a reação das pessoas.

**Você já se sente realizada só de escrever, não se importa com o que vem depois.**



Isso é a coisa mais importante até hoje. Vivi o mesmo com o segundo livro. Queria experimentar, com o mesmo nível de intensidade e envolvimento. Não é uma coisa da ordem do que funciona, da fórmula. Me joguei em outra experiência, completamente diferente do ponto de vista literário, com mesma ideia: o mais importante é a experiência artística, fazer o que me envolve. Fiquei salivando, completamente tomada por aquela experiência. O que vem depois é lucro. Não é que eu seja indiferente, vou ficar triste se as pessoas não gostarem, mas a primeira coisa com o que me preocupo é se eu vou gostar. Aí tenho como falar: “estou triste porque as pessoas não gostaram, mas a experiência foi incrível, fiz o livro que queria fazer”. Quando você vai se tornando uma autora mais conhecida, a expectativa em torno do seu trabalho começa a virar um peso. Se você consegue dar as costas para isso, no sentido de “agora sou eu e o meu processo criativo”, e ter uma experiência com alto nível de envolvimento e adesão, é o mais importante. É como venho tentando me proteger, não deixar que essas outras coisas, que são externas ao processo criativo, entrem comigo nessa etapa. Sou eu e mais ninguém.

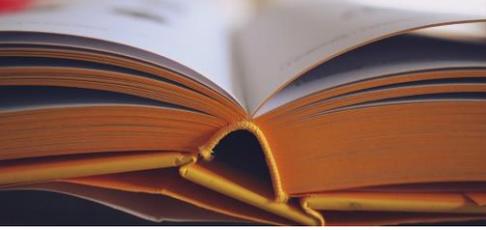
***"Estava tão envolvida na história, ela estava gritando dentro de mim que, mesmo estando em um ambiente barulhento, cercada de gente, sentei e escrevi "***

**Você tem experiência com música, pintura e agora literatura. O que te levou para as artes?**

Venho de uma combinação muito interessante, que é o encontro do meu pai com a minha mãe. O meu pai era um homem erudito, falava vários idiomas, era matemático, foi religioso, então teve uma formação muito consistente, conhecia de música, artes, história. A minha mãe, por outro lado, é uma pessoa que mal completou o ensino fundamental, mas era uma figura de muita sensibilidade poética. Ela gostava de cantar, fazia rimas, contava histórias, tinha uma curiosidade com a vida, era muito bom ouvi-la. Tenho um caso de quando ela estava doente, naquele estresse de ir e voltar do hospital. Foi um domingo. Ela tinha saído do hospital e veio para a minha casa. Somos seis filhos e disputávamos quem ia ficar com ela, de tão legal, rica, terna e afetuosa que era a troca. Era uma pessoa muito boa de ficar junto. Trouxe ela aqui pra casa, ela passou um dia bom. No meio da tarde, senti uma febre nela, muito baixa, mas, como estava em tratamento de quimioterapia, a médica falou que ela tinha que voltar para o hospital. Ela já tinha tomado banho, estava na cama, dormindo, super quentinha. Quando estávamos atravessando o meu jardim, ela viu um pé de alecrim que tinha plantado e parou para colocar a mão nele e falar como estava lindo. Foi muito bonita essa cena. A minha mãe era esse tipo de pessoa que, mesmo no meio da loucura, sempre enxergava a beleza, o sensível, tinha curiosidade. Então, vim dessa combinação: de um lado a informação sobre arte, história, matemática e do outro essa pessoa com sensibilidade, imaginação, curiosidade. Meus pais, mesmo tendo pouca grana, nunca me impediram de fazer aula de música, pintura, teatro, e eu experimentei todas essas coisas, eles me incentivavam. Com nove anos, ganhei um violão e ele foi meu amor até os 20 e tantos anos. Até me formar e começar a agência, só fazia tocar e cantar, muito mais do que ler. Aprendi a gostar de ler com Monteiro Lobato e me apaixonei por poesia e história através da música. O pensar, a criação através da palavra vieram da música.

**Que caminho você enxergou quando escolheu se formar em comunicação?**

Antes de comunicação, cursei matemática. Fiz por uns dois anos, mas fui ficando triste. Embora tivesse muita facilidade, toda a minha família é da área de exatas, respirava matemática em casa, mas sabia que queria mexer com criação. Fui para a comunicação movida por essa ideia de que



poderia ter contato com várias linguagens artísticas, e de fato publicitário tem que dominar música, fotografia, artes plásticas, cinema. Além da criação, durante anos fui diretora de planejamento da agência, então usava pensamento lógico, matemática, um lado que gosto muito. Foi uma coisa que super deu certo pra mim. Hoje sou presidente da Lápis Raro e entro nos dois territórios.

**Até hoje você não deixou o trabalho na agência. Isso é por opção ou porque não dá para viver de literatura?**

Tenho uma empresa muito reconhecida, muito forte, estamos entre as melhores do mercado. Eu e Simone começamos a fazer o desenho de sucessão há três anos. Estávamos programando isso porque é uma transição importante. Estou há 36 anos na agência e chegou a hora de passar o bastão. Hoje tenho uma equipe muito estruturada e posso ficar muito mais no nível estratégico, mais de conselho do que na operação diária. Trabalho cada vez mais para a equipe ter autonomia e a turma tem um pensamento muito consistente sobre o que é fazer comunicação, marketing e gestão. Tem gente que trabalha na agência há 30 anos. No início do mês, fiz uma viagem de cinco dias em um barco literário chamada “Navegar é preciso”. Quando estou em BH, tenho agenda na Lápis Raro e vou equilibrando as demandas.

**Em que momento o mundo da publicidade se encontra com o mundo da literatura?**

Toda marca quer contar boas histórias, então esse encontro entre a publicidade e a literatura é muito especial, isso faz parte da força da Lápis Raro. A agência sabe contar histórias.

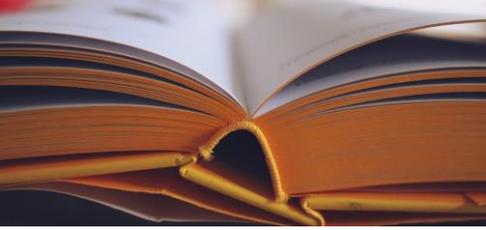
**Qual é o seu gatilho para escrever?**

Gosto da qualidade do envolvimento de estar escrevendo. Não sou a pessoa que quer escrever sobre determinado assunto, quer pautar, não parto desse propósito. Parto de um pequeno acontecimento. Em “Tudo é rio”, tenho ali a prostituta e o cara que se recusa a se deitar com ela. Parto de um acontecimento quase banal e a minha curiosidade e imaginação vão me levando. Esse fio vai puxando a história, aí entram as camadas de inconsciente, inserção social, elas vão trazendo questões que acabam virando a grande estrutura do livro. Por exemplo, no “Tudo é rio”, a questão do perdão é muito forte e a partir daquilo ali vão entrando outras questões. Sempre é um acontecimento que me pauta, não é uma temática ou um acerto de contas ou um desejo de pautar alguma questão social. Acaba que isso acontece, e é maravilhoso, porque essas questões não nos escapam, são nossas questões humanas. Mas não faz parte do meu processo criativo. Acho que, se partisse disso, teria dificuldade de não entrar em certo didatismo.

**Você sempre foi uma pessoa observadora?**

Tenho anos de vivência de terapia e análise, isso é algo forte na minha história. A minha mãe falava: “Carla, quando você começa a conviver com uma pessoa, em três dias está falando igual a ela”. Essa observação, quase osmose, mimetização de outra figura, sempre esteve comigo. “Olha lá a Carlinha imitando fulano”. Existia um certo deboche, uma certa censura na família, de tanto que pegava o jeito da pessoa, desde muito pequena. Então, eu era uma antena sensorial, percebia um jeito da pessoa e na hora em que via estava falando igual, olhando igual, me movimentando igual.

**O que tem de autobiográfico nos seus livros?**



Tem um pouco de mim ali, mas não é um acontecimento do começo ao fim, é um detalhe. Exemplo: na minha vida de adolescente, brincava de imitar a Lucélia Santos e no livro “A natureza da mordida” tem um personagem que brinca na rua de fazer isso, mas não era eu que estava ali, são situações completamente diferentes. De biográfico tem muito mais o encaminhamento de alguns afetos do que os fatos. Quando você está escrevendo, algo em você está se resolvendo, seu inconsciente entra em ação. Você não teve a intenção, mas aquilo está lá.

**Como funciona o seu processo de escrita?**

As experiências foram diferentes. No “Tudo é rio”, tive disciplina de escrever todos os dias. Saía da Lápis Raro, chegava em casa, encontrava meus filhos, botava eles na cama, tomava meu banho, comia e aí ia escrever. Ficava duas horas escrevendo, no fim de semana cinco, seis horas seguidas, sempre em casa, mas vivi algumas situações curiosas. Levei meu computador para as filmagens da agência, que são super demoradas, tem troca de luz, figurino, eixo da câmara. Naquele tempo, estava tão envolvida na história, ela estava gritando dentro de mim que, mesmo estando em um ambiente barulhento, cercada de gente, sentei e escrevi. Isso aconteceu poucas vezes, mas aconteceu. O fim de “Véspera” escrevi durante a pandemia, aí foi punk. Não tinha o ritual de sair da agência, mudar de roupa, mudar de máquina, tudo muito misturado, era o mesmo lugar, fiquei exausta. O processo do “A natureza da mordida” foi incrível. Pinteí 40 quadros enquanto escrevia o livro. Senti muita necessidade de fazer pequenas interrupções para dar conta de voltar para a história. Foi muito intenso. Agora estou começando a embalar no quarto livro. Já abri o arquivo, vou relendo, trocando uma palavra, garimpando ideias. Estou cuidando da história, pensando, anotando. Não tem um dia sequer em que não esteja fazendo alguma coisa.

**O que você já pode contar sobre o quarto livro?**

Os meus três livros são histórias familiares, de famílias marcadas por situações muito impactantes, e isso vai continuar. Estou gostando de experimentar a polifonia.

**Tem prazo para entregar?**

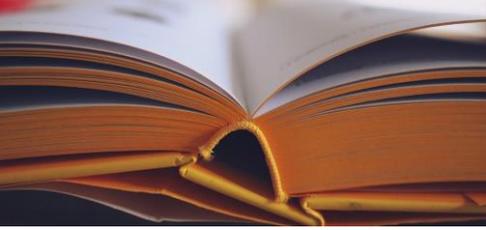
Nem pensar. Se tivesse prazo, ia ficar louca. Não dou conta de ter prazo na literatura, para mim não faz sentido. Estou na literatura por outra motivação, é um espaço de criação que protejo para que não vire essa coisa que já vivo na agência.

**Imagino que você já tenha ouvido relatos de muitos leitores sobre os seus livros. O que ficou marcado na sua memória?**

São muitas histórias. Outro dia uma menina falou que viveu um rompimento de três anos com uma tia que gostava muito. Ela mandou o “Tudo é rio” de presente e a tia a chamou para conversar. O livro conseguiu resolver esse afastamento. Já ouvi de um presidiário que, depois de ler o livro, ele parou de odiar. Fora os depoimentos de famílias que tiveram casos de feminicídio e que contam que o livro as ajudou a aproximá-las, no sentido de querer conversar sobre aquilo.

**Isso te surpreende de alguma forma?**

A força que a minha literatura ganhou nacionalmente me surpreende. Não achava que isso aconteceria com tanta força. Fui a autora mais lida em 2021 e 2022, meus três livros estão na



lista dos 10 mais vendidos, isso foi surpreendente. Agora vai se tornando mais natural que, em função da força desse acontecimento, mais pessoas cheguem junto, queiram fazer parte desse entusiasmo ao redor da minha literatura, fiquem curiosas.

### **Por que você acredita que os seus livros fazem sucesso?**

Primeiro, tem uma linguagem com uma forte oralidade, e essa oralidade tem essa possibilidade de envolver, a pessoa fica enredada. Acho também que dizer as coisas com todas as letras. “Tudo é rio” não dá para colocar numa caixinha. Tem um lado poético, mas uma coisa super crua, tem o profano e o sagrado, tem a brutalidade e a violência, mas a delicadeza. Acho que isso gera uma força muito grande. O livro toca em questões nas quais as pessoas estão se colocando. Essas questões já estão dentro das pessoas, são universais, por isso fazem sentido. Costumo dizer que é como se o livro juntasse algumas coisas espalhadas dentro dessas pessoas, isso que sinto no retorno delas, como se tivessem compreendido alguma coisa dentro delas.

### **O que você quer para o futuro?**

Quero que a agência esteja absolutamente estruturada e encaminhada para que eu possa me dedicar totalmente à literatura, pintura, música, sem compromisso. Que possa viver esse lado artístico full time, o que nunca pude fazer. Sempre tive que priorizar a minha vida profissional. Agora cheguei em um momento da vida, até pela idade, em que a coisa mais preciosa passa a ser o tempo. Preciso que o tempo seja livre, meu, e é isso que estou construindo.

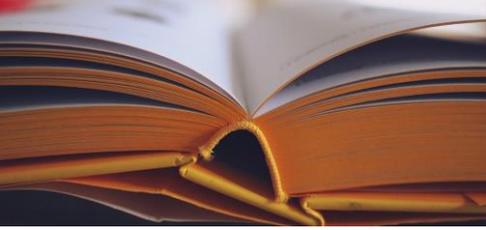


Foto: Raiza Ferreira

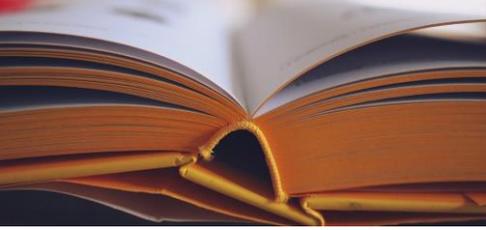
## Carla Madeira fala sobre Tudo é Rio na Feira do Livro de Ribeirão Preto

A autora mais lida do Brasil nos últimos dois anos falou sobre o polêmico livro

[LETÍCIA AGOSTINHO](#), 20 AGO 2023 16:30

14 anos parado e, quando lançado, um grande sucesso. Este é o livro "Tudo é Rio", da autora mineira Carla Madeira. Prestes a completar 10 anos no mercado editorial, o romance de estreia de Carla levanta o sério questionamento do perdão. Com uma narrativa madura, séria e, ao mesmo tempo, delicada e poética, a autora foi bem recebida pela crítica e pelos leitores, apesar de o final dividir opiniões.

"Eu já fiz três romances e eu não acho que seja absolutamente igual a experiência, foram experiências diferentes. "Tudo é Rio" foi um jorro, fiquei 14 anos sem escrever depois que escrevi a cena de violência.", conta a autora. O livro começava de outra maneira: pela história das Marias e da Francisca, que depois aparecem na história. "Mas quando eu retornei para a escrita, fiquei oito meses escrevendo muito visceralmente, muito compulsivamente, muito sem conseguir largar. Às vezes eu ia fazer uma filmagem de trabalho, eu levava o computador, no



meio do set, quando tinha alguma pausa, eu aproveitava para escrever, porque aquilo estava querendo acontecer. E, eu escrevi na ordem que o leitor lê.", comentou.

Além de "Tudo é Rio", Carla tem mais outros dois romances: "A Natureza da Mordida" e "Véspera", que também são sucessos editoriais e agradam ao público tanto quanto "Tudo é Rio". Por onde passa, Carla faz novos fãs. Foi assim com a fotógrafa Sté Frateschi, que conheceu a autora na Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto, enquanto cobria o evento. "Comprei o livro agora porque ouvi-la falando nos faz sentir vontade de entrar na história, sem contar que ela é de uma doçura incontável", contou nos bastidores.

Durante o bate papo, Carla falou sobre uma das experiências mais marcantes que já teve: ter seu livro lido em presídios, através de um programa de redução de pena ofertado pelo Governo de Minas Gerais. "Ver aquelas pessoas que estavam isoladas, lendo meu livro, primeiro me assustou pelo teor da história, mas depois, quando escutei os relatos, me tocou de uma forma muito intensa. O relato mais marcante foi o de um preso que, ao ler o título disse entender que a situação em que ele se encontrava também passaria, assim como o rio que passa.", contou emocionada.

Ela, que não se considera uma autora de composição por não sentar para escrever uma história que já está pronta em sua cabeça, ela diz ser um processo de carpintaria, funcionando como um rodo, indo e puxando um pouquinho por vez. Ela está sempre relendo sua obra para conseguir avançar na história e costuma dizer que "É como se fosse uma montanha escura que eu tenho pequenas tochas, pequenos lugares que eu sei que vou querer passar, mas que ainda tenho que descobrir o caminho dessas cenas ou acontecimentos que eu sei que estarão no livro", comentou a autora que está no processo de escrita do seu quarto livro.

Sobre a experiência de estar presente na Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto, em uma discussão de clube de leitura, ela disse que só depois de publicar sua obra é que ela entendeu a ressonância de sua escrita nos leitores. "É muito legal, porque as pessoas sempre me surpreendem, sempre veem alguma coisa que eu não tinha visto, porque eu acho que quando a gente está escrevendo tem muito de inconsciente. É uma troca muito rica, estou super feliz de estar aqui, é uma Feira muito respeitada, uma Feira que faz encontros muito bacanas, estou só alegria."

2 Setembro 2023

## Autora de “Tudo é Rio”, Carla Madeira participa de live da Pós-Unifor

A escritora mais lida do Brasil em 2021 e 2022 é jornalista e possui três obras publicadas



*Além de escritora e jornalista, Carla Madeira (esquerda) também é publicitária. Maria Camila Moura (direita) é psicóloga clínica (Foto: Divulgação)*

A [Especialização em Escrita e Criação](#) da Universidade de Fortaleza, da [Fundação Edson Queiroz](#), desenvolveu, durante a pandemia da covid-19, um projeto de extensão chamado “Clube do Livro”, no qual autores contemporâneos são convidados para falar com os alunos sobre suas obras. O projeto, que já recebeu escritores como Alexandre Vidal Porto e Patrícia Melo Neschling, era, inicialmente, voltado somente para estudantes do curso e alguns convidados. Agora, com o intuito de ampliar a iniciativa para a comunidade externa e divulgar ações da especialização, o Clube do Livro será aberto ao público. Para marcar essa nova fase do projeto, a primeira *live* acontecerá no dia 2 de setembro, às 17h, e trará Carla Madeira, autora mais lida nos últimos anos, para uma conversa sobre sua obra “Tudo é Rio”. A iniciativa será mediada por Maria Camila Moura, aluna da especialização, e será transmitido pelo [canal no Youtube](#) da [TV Unifor](#).

### Sobre a autora e a mediadora

Carla Madeira é formada em Jornalismo e Publicidade, e sócia e diretora de criação da agência de comunicação Lápis Raro. Em 2014, lançou seu primeiro romance “Tudo é rio”, um sucesso editorial, recebido com entusiasmo pelo público e pela crítica. Também publicou os romances “A natureza da mordida” e “Véspera”. Em 2021 e 2022, foi a autora mais lida do Brasil. Maria Camila Moura é psicóloga clínica, colunista e entusiasta de Literatura. É aluna da Especialização em Escrita e Criação.

### Sobre o livro “Tudo é Rio”

*“Mas e o amor? O que é senão um monte de gostar? Gostar de falar, gostar de tocar, gostar de cheirar, gostar de ouvir, gostar de olhar. Gostar de se abandonar no outro. O amor não passa de um gostar de muitos verbos ao mesmo tempo.” – Tudo é Rio.* “Tudo é Rio”, romance de estreia de Carla Madeira, traz a história do casal Dalva e Venâncio, que passa por uma perda trágica, resultado do ciúme doentio do marido, e de Lucy, a prostituta mais cobiçada da cidade, formando um triângulo amoroso. A obra apresenta uma escrita poética, profunda e delicada, e traz uma narrativa fluida, intensa e mansa, revelando a metáfora do rio por meio das palavras.